

A verdadeira correção fraterna.

Irmãs e irmãos em Cristo, que a paz esteja sempre presente na vida de vocês!

Neste décimo terceiro domingo do Tempo Comum, temos como leitura evangélica a passagem bíblica na qual Jesus exorta-nos sobre a nossa responsabilidade diante dos irmãos que estão a nossa volta.

Antes de iniciarmos nossa reflexão, convido a todas e todos a lerem a referida passagem.

Se teu irmão tiver pecado contra ti, vai e repreende-o entre ti e ele somente; se te ouvir, terás ganho teu irmão. Se não te escutar, toma contigo uma ou duas pessoas, a fim de que toda a questão se resolva pela decisão de duas ou três testemunhas. Se recusa ouvi-los, dize-o à Igreja. E se recusar ouvir também a Igreja, seja ele para ti como um pagão e um publicano. Em verdade vos digo: tudo o que ligardes sobre a terra será ligado no céu, e tudo o que desligardes sobre a terra será também desligado no céu. Digo-vos ainda isto: se dois de vós se unirem sobre a terra para pedir, seja o que for, consegui-lo-ão de meu Pai que está nos céus. Porque onde dois ou três estão reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles. (Mt 18,15-20)

A base de nossa vida cristã está alicerçada, em grande parte, na preocupação e interesse pelos irmãos, no verdadeiro amor ao próximo. Este amor não se sustenta somente no doar materialmente, no acolher no sofrimento, mas também no que se chama de *correção fraterna*, sendo esta uma prova concreta desse verdadeiro amor.

A correção fraterna além de ser necessária, ela é muito importante e é de Deus. Porém, sua prática é extremamente difícil, tanto para que corrige, como para quem é corrigido. Se partirmos de nossas bases humanas, se tomarmos por base nossos princípios mundanos de justiça, diferentemente da correção fraterna, atuaremos de forma recriminatória, acusando o transgressor na expectativa de seu arrependimento e mudança de atitude. Assumimos o papel de julgadores e agimos como condenadores. Ambos os envolvidos nesse processo, quem vai corrigir e quem vai ser corrigido, têm de se despir do ressentimento, de possíveis mágoas e, acima de tudo, do orgulho, pois não existe correção fraterna sem amor fraterno.

O principal objetivo da verdadeira correção fraterna não é a repreensão em si, mas sim a mudança de atitude daquele que, por ser irmão em Cristo, é merecedor de nosso amor cristão e de nossa preocupação por uma vida reta.

Como disse Papa Francisco, há três anos, em sua homilia matutina na Casa Santa Marta, no dia em que a Igreja Romana celebra a Memória litúrgica do Santíssimo Nome de Maria:

Não se pode corrigir uma pessoa sem amor e sem caridade. Não se pode fazer uma cirurgia sem anestesia: não se pode, pois o doente morrerá de dor. E a caridade é como uma anestesia, que ajuda a receber o tratamento e aceitar a correção. Apartar-se e conversar, com mansidão e com amor.

Jesus, ao nos exortar sobre a correção fraterna, deixa clara a responsabilidade de todos nós em ajudar o irmão a tomar consciência dos seus erros, desde que seja decorrente do mandamento do amor. Tal caminho, jamais pode envolver a humilhação do outro, tampouco a sua mera condenação, mas, basicamente, o diálogo fraterno, cuja intervenção é resultante do amor.

Lembra-nos, Jesus, de que devemos, inicialmente, respeitando a dignidade e a honra pessoal do irmão, chamá-lo a sós, dando-lhe, inclusive, a chance da explicação e do pedido de perdão, se for o caso. Lembremos de que, no cristianismo, aquele que corrige não tem o direito de humilhar quem está sendo corrigido, pois seu papel é de mensageiro do amor e da compaixão de Deus e não de julgador, tampouco de justiceiro. Na correção fraterna somos emissários do amor e da misericórdia de Cristo, até porque ninguém é dono da verdade, muito menos modelo de comportamento, pois todos somos falíveis, limitados e pecadores. Apenas o Senhor pode nos indicar como corretamente concretizar essa tão importante obra de misericórdia em nosso dia a dia.

Sabemos que os cristãos constituem-se em comunidade, comunidade sustentada pelo amor de Deus, pela compaixão trazida e vivida pelo próprio Cristo Jesus. Assim sendo, Ele admite em sua exortação, no caso da não observância da correção individual, a possibilidade da presença de outros irmãos para ajudarem no processo correcional. Entretanto, deverá ser sempre mantido o mesmo amor fraterno e a mesma intensão de correção e não de acusação. Não significa com isso uma pressão maior sobre o irmão, mas sim a possibilidade de uma acolhida mais calorosa e um fortalecimento dos argumentos fraternamente apresentados.

Na possibilidade apresentada por Jesus da presença de outros irmãos membros da igreja na correção fraterna, não há, creio eu, o desejo de esconder o ocorrido da comunidade externa à igreja, ou de se manter escondido o erro em um grupo religioso fechado, mas sim o apoio da igreja à pessoa que cometeu o erro, fortalecendo-a, comunitariamente, de forma fraterna, a não mais agir em desacordo com os princípios cristãos. Lembremo-nos de outra passagem também narrada por Mateus, quando Jesus critica, de forma veemente, a atitude dos fariseus, não pela falta de zelo com suas orientações básicas de vida ou de sua prática cerimonial, mas sim pelo desprezo dos preceitos mais importantes da lei: “*a justiça, a misericórdia, a fidelidade*” (Mt 23,23).

Cristo não para por aí em sua exortação. Lembra-nos de que estará presente em todos os momentos em que dois ou três estiverem reunidos em seu nome, ou seja, todas as vezes que estivermos seguindo seus preceitos, suas orientações de vida, Ele estará no meio de nós, estará participando daquela ação. Tal “complemento” não está dissociado das orientações iniciais. Está vinculado ao processo correcional. Fortalece a ideia de que, na correção fraterna, o clima de oração e de perdão deve estar presente, sustentados pelo amor fraterno, pois Deus se faz presente.

Lamentavelmente, diversos mal-entendidos e desentendimentos complicam-se na vida em decorrência de tratarmos as coisas de forma mundana, esquecendo-nos de lidar com elas de forma fraterna e cristã. No caso de identificarmos equívocos na atitude de algum irmão, peçamos a Deus a correta disposição e a verdadeira humildade para com ele conversarmos, na tentativa de mostrar o erro e os possíveis caminhos de solução. Porém, sempre utilizando tais momentos para revermos nossas atitudes, nossas falhas cotidianas, sempre existentes, na busca de nossa melhoria permanente, no intento de estarmos continuamente corrigindo nossas ações.

Lembremo-nos da fala de Josemaria Escrivá: “*Quando tiveres de corrigir, faze-o com caridade, no momento oportuno, sem humilhar, (…) e com vontade de aprender e de melhorares tu mesmo naquilo que corriges*”.

Um fraterno abraço,

Rev. Frei João Milton.